

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*

MAURO GUIMARÃES — *Diretor*

FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*

MARCOS SÁ CORREA — *Editor*

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*

Caminho do Fundo

O presidente Reagan abriu a assembléia geral do Fundo Monetário e do Banco Mundial com uma mensagem contra o protecionismo no comércio exterior que chega com grande atraso. Protecionismo é o que os Estados Unidos têm usado com insistência para defender segmentos obsoletos de suas indústrias, ou para evitar tentativas de *dumping* de competidores pesados, como o Japão, ou, finalmente, para fechar as portas aos novos industrializados, como a Coreia ou o Brasil.

É alentador, de qualquer modo, que o presidente americano faça uma abertura no exato momento em que o mundo assiste ao penoso espetáculo da moratória na dívida externa brasileira. Isto deve se traduzir numa agressividade menor do Japão e dos países europeus que ocuparam quase todo o espaço no mercado importador mundial, e deveria significar, também, uma guarda mais baixa para as exportações do Brasil, em particular. Este país tem sido consistente e repetidamente frustrado pelas barreiras às suas vendas, tanto para o mercado americano quanto para o Mercado Comum Europeu. Como pagar a dívida externa se o protecionismo freia as exportações?

A abertura americana, tanto quanto se traduza em resultados práticos nos corredores dos órgãos

protecionistas de Washington, deveria ser rapidamente assimilada no Brasil para promover as exportações, usando o setor externo como alavanca para o desenvolvimento. Até agora temos insistido em andar na contramão da história. Já é tempo de mudar.

No mesmo passo, em lugar da contestação histórica e ideológica dos mecanismos financeiros internacionais, promovida pelos segmentos mais radicais do PMDB, o Brasil deve abrir negociações para um acordo com o Fundo Monetário Internacional e com os bancos credores. Os investidores estrangeiros querem converter dívida em capital, e só a falta de preparo, aliada à teimosia ideológica em Brasília, justifica as resistências a isto.

O Brasil não vai desnacionalizar seu parque industrial convertendo dívida em capital, na medida em que essa estratégia siga modelos semelhantes aos que foram adotados na Inglaterra e na França para a democratização e a privatização de empresas estatais. O produto dessa política é a capitalização das empresas, com a redução do déficit público. Em termos simples e diretos, é exatamente disto que o Brasil precisa com urgência para sair do atoleiro em que está mergulhando, indo progressivamente ao Fundo sem que tenha feito qualquer acordo com as instituições internacionais acusadas de recessivas.